

Temores eleitorais no Palácio

Ajuste de juros vai ser realizado durante período de árdua disputa pela Presidência

- Vicente Nunes
Daniel Pereira

O presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, comandou, nos últimos dias, uma operação dentro do governo para “tranquilizar” os que temem uma possível alta da taxa básica de juros (Selic) nos próximos meses. Tanto ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva quanto ao ministro da Fazenda, Guido Mantega, que tem sido um crítico ferrenho do BC, Meirelles sinalizou que, por enquanto, não há motivos concretos para que a instituição promova um arrocho monetário.

Essa visão, segundo auxiliares de Lula, teria sido passada por meio da ata do Comitê de Política Monetária (Copom) divulgada ontem. O texto serviu para derrubar as taxas futuras de juros com vencimento em janeiro de 2011, de 10,40% ao ano, registrados no início da semana, para 10,27%. “As apostas na alta dos juros em março ou em abril diminuíram e isso derrubou os juros”, explicou um dos assessores mais próximos do presidente da República.

Diante dos relatos de Meirelles — também reforçados por líderes do PMDB, partido pelo qual ele pode disputar um cargo político este ano —, o Palácio do Planalto não trabalha com a possibilidade de alta da Selic em 2010, um alívio nos planos de Lula de eleger a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff (PT), como sua sucessora. Um ministro com gabinete no Planalto contou ter ouvido de Meirelles, em uma das reuniões da coordenação política, que representantes do mercado estão apostando errado ao prever a alta da Selic este ano. O presidente do BC teria, inclusive, ironizado tais prognósticos: “Vão perder muito dinheiro”.

Esse mesmo ministro alegou que a ação contrária ao aumento dos juros não está sendo estimulada pelo fato de este ser um ano eleitoral. E justificou tal posição com argumentos supostamente técnicos. Por exemplo: a retomada dos investimentos produtivos e a previsão de que isso garantirá a sintonia entre demanda e oferta. “Não seremos um instrumento a serviço do mercado”, disse.

Ontem, durante o balanço de três anos do Programa de Aceleração do Crescimento, Mantega rechaçou a tese dos economistas que pregam a alta da Selic, sob a alegação que o país está entrando em uma onda inflacionária. Em linha com o Planalto, confirmou a sua conversa com Meirelles. Disse que, quarta-feira, o presidente do BC teria descartado a necessidade de arrocho monetário. “O Meirelles está tranquilo com um crescimento de 5,8% (no PIB) sem pressões inflacionárias”, afirmou. “O crescimento é sustentável e equilibrado. Significa que não causa pressão inflacionária”, acrescentou.

Para Mantega, o que se viu na inflação de janeiro, que registrou os níveis mais elevados desde 2003, foram reajustes sazonais, como os das passagens de ônibus e os das mensalidades escolares. Além disso, admitiu Mantega, o governo tem instrumentos para manter a inflação sob controle, como a redução de impostos que incide sobre a gasolina. Anteontem, o tributo foi reduzido em R\$ 0,10.

O Meirelles está tranquilo com um crescimento de 5,8% (no PIB) sem pressões inflacionárias”

Guido Mantega, ministro da Fazenda, sobre o presidente do Banco Central

Obama começa a pressionar China

O presidente norte-americano, Barack Obama, prometeu uma postura "muito mais dura" sobre a China em relação ao comércio e câmbio, para assegurar que os bens dos Estados Unidos não fiquem em desvantagem. Obama disse que seu governo está pressionando a China e outros países para que cumpram regras comerciais e abram mais seus mercados.

Obama disse, em reunião com democratas do Senado na quarta-feira, que Washington está tentando "ficar muito mais duro sobre o cumprimento das regras existentes, colocando pressão constante sobre a China e sobre outros países para que eles abram seus mercados de forma recíproca". "Um dos desafios que temos que resolver internacionalmente é a taxa de câmbio e como (...) assegurar que nossos bens não sejam artificialmente inflados em preço", afirmou. O presidente norte-americano comentou ainda que não adotará uma postura protecionista sobre a China, explicando que "nos fecharmos para aquele mercado seria um erro".

Reação

Autoridades da China rebateram as ameaças dos Estados Unidos de endurecer sua postura sobre câmbio e comércio para garantir que os bens norte-americanos não fiquem em desvantagem, dizendo, ontem, que sua moeda está em um patamar razoável.

Um porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China respondeu dizendo que o iuan está em nível razoável, e que a China não persegue deliberadamente um superavit comercial com os Estados Unidos. "No momento, olhando para a balança de pagamentos internacional e para a oferta e a demanda no câmbio, o patamar do iuan está perto do razoável e do equilibrado", disse Ma Zhaoxu. "Acusações e pressões não ajudarão a resolver o problema", acrescentou o porta-voz.

De acordo com o China Business News, os bancos chineses emprestaram mais de 1,5 trilhão de iuans (US\$ 219,7 bilhões) em janeiro. Em janeiro de 2008, os empréstimos somaram 1,62 trilhão de iuans.

Bolsa despenca, dólar sobe

Os temores com a situação fiscal de países europeus e as consequências para a recuperação da economia mundial contaminaram os negócios nos mercados do mundo ontem, levando a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) ao pior desempenho desde 28 de outubro. Pressionado pelas perdas de todas as ações que compõem a carteira, o Ibovespa tombou 4,73%, para 63.934 pontos — menor nível de fechamento desde o início de novembro.

A repentina escalada nos custos para proteção contra um default da dívida soberana de Portugal espalhou o medo de cortes no rating de vários países, após o governo local ter falhado em tentar aprovar um projeto para reduzir o déficit público. A situação fiscal da Espanha e o endividamento da Grécia adicionaram tensão aos pregões.

O principal índice europeu de ações, FTEU3, teve a maior queda diária em dez semanas, enquanto o euro tombava frente ao dólar. As cotações das commodities desabaram. Na Europa as bolsas fecharam em baixa com expressivas quedas em Madri (-5,9%), Lisboa (-4,9%), Milão (-3,45%), Frankfurt (-2,45), Londres (-2,17%) e Paris (-2,75%). O mau humor contaminou os pregões nos Estados Unidos, fazendo a Nasdaq encerrar a quinta com recuo de 2,84% e o Dow Jones em Nova York ficar 2,61% no negativo. Na América Latina, o índice argentino Merval recuou 3,62%.

Em recente matéria publicada pelo Correio, o economista suíço Marc Faber alertou para o risco de um novo abalo na economia mundial a ser provocado, segundo ele, por efeitos do grande endividamento dos Estados Unidos, Inglaterra e os Piigs: Portugal, Itália, Irlanda, Grécia e Espanha (que em inglês é Spain).

Moeda americana

As preocupações com a dívida soberana da Grécia e com déficits em nações com maior

peso na União Europeia, como Espanha e Portugal, levaram o dólar a uma segunda rodada de ganho frente a outras moedas.

No mercado à vista ante o real, a divisa americana atingiu R\$ 1,8830 (+ 2,17%) no balcão — maior alta percentual desde 17 de dezembro — e, na BM&F, + 2,06%. Na máxima do dia, chegou bem perto de R\$ 1,90 — R\$ 1,8970 — enquanto na mínima recuou a R\$ 1,8600. O giro financeiro projetado para as operações com liquidação em dois dias é mais que o dobro de anteontem: US\$ 1,8 bilhão ante os US\$ 754 milhões da quarta-feira. O euro chegou a bater a menor cotação desde 15 de junho de 2009, que foi de US\$ 1,3748, frente a dúvidas sobre os riscos fiscais de algumas nações do bloco.

Os juros futuros encerraram a quinta-feira em queda firme e com alto volume de contratos negociados. Ao fim do dia, o DI janeiro de 2011 (819.015 contratos) recuava a 10,25%, de 10,35% no ajuste de quarta. O DI abril de 2010 (104.480 contratos) cedia a 8,676%, de 8,70% de quarta-feira.

Poupança tem maior captação desde 1997

A caderneta de poupança registrou em janeiro captação líquida de R\$ 2,619 bilhões. O resultado é o melhor desde janeiro de 1997, quando houve ingresso de R\$ 3,512 bilhões segundo dados da série histórica do Banco Central. Em janeiro de 2010, os depósitos totalizaram R\$ 87,825 bilhões e os saques, R\$ 85,205 bilhões. Foi creditado R\$ 1,508 bilhão em rendimentos. O saldo total em caderneta de poupança passou de R\$ 319 bilhões para R\$ 323 bilhões de dezembro para janeiro.

O número

TOMBO

4,73%

Queda ontem na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa)